

Platão e Bowie: leituras sobre os corpos andrógynos

Guilherme César¹

RESUMO

Em *O Banquete*, Platão apresenta uma origem para os corpos andrógynos. Segundo ele, haveria três gêneros/corpos: masculino, feminino e o andrógyno, uma junção do masculino com o feminino. Para o filósofo grego, os corpos humanos teriam duas cabeças, quatro braços, quatro pernas e, assim em diante, uma vez que, para o ele, os corpos se formavam através de dois corpos de mesmo gênero. Porém, após uma punição divina – devido à rebeldia dos humanos contra os deuses –, os duplos corpos foram separados, causando uma nova individualidade. Já entre o fim dos anos 60 e começo dos 70 (século XX), vê-se o nascimento de várias tendências do *Rock and Roll*, do movimento hippie e seu sentimento de contracultura, e dos novos conceitos de moda; os quais, com roupas coloridas e de padrão “excêntrico”, deram base a novas formas de rebeldia entre os jovens. Nesse contexto, surge a figura ainda polêmica de David Bowie (1947-2016) que, criticando sua realidade e as tendências conservadoras – social e cientificamente – de sua época, trará juntamente com suas composições, um tanto psicodélicas, sucesso e principalmente, *Ziggy Stardust*, um alienígena estrela do rock e ainda, uma figura andrógyna e bissexual. O objetivo desse trabalho, fundamentado através de pesquisas bibliográficas principalmente sobre a obra de Platão e a figura de David Bowie, é entender o papel da androginia como uma forma de rebeldia ou resistência. Para tanto, é necessário estabelecer um atual conceito de androginia, como um ser imagético que, seja na sua forma física ou de vestuário, foge das ideias heteronormativas. Até o presente momento, entende-se que a rebeldia / resistência dos corpos andrógynos se fundamenta, em grande parte, pelo grande tabu, ainda presente em nossa sociedade, associado às discussões de gênero e sexualidade, as quais são, em grande parte abominadas por entidades e pessoas mais conservadoras.

Palavras-chave: Androginia. Bowie. Corpos. Identidades. Platão.

Plato and Bowie: interpretations about the androgynous bodies

ABSTRACT

In Plato's *Symposium*, the author presents an origin to the androgynous bodies. According to him, there were three genders/bodies: male, female and the androgyn, a junction of the male one and the female one. To the Greek philosopher, the human bodies had two heads, four arms, four legs and so on, once that, for him, the bodies were formed between two bodies of the same gender. However, after a divine castigation –because of the humans defiance against the gods –, the double bodies were splited, resulting in a new individuality. In the end of the 60s and start of the 70s (20th century), with the creation of various tends of *Rock and Roll*, of the hippie movement and it's sense of counterculture and the new concepts of fashion, with its coloured clothes and eccentric designs, gave the base to new forms of defiance between the youngs. In this concept, appears the yet polemic figure of David Bowie (1947-2016) which, criticizing his reality and the conservatives tendencies – social and scientifically – of his time, will bring allied to his compositions, very psychedelic, success and mainly, *Ziggy Stardust*, an alien rock star and yet, a androgynous and bissexual figure. The main goal of this paper, based on bibliographic searches of the Plato's labor and on the figure of David Bowie, is to understand the role of the androgyn as a form of defiance, or resistance. For that, is necessary to understand the actual concept of androgyn as a imagery been who, in it's phisic form or apparel, runs out of the heteronormative ideias. Until the present moment, might be understood that the defiance/resistance of the androgynous bodies are based, majorly for the big taboo — yet common in our Society — associated to the gender and sexuality discussions, which are, majorly avoided for conservative entities and people.

Keywords: Androgyny. Bowie. Bodies. Identities. Plato.

¹ Graduando em História da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. E-mail: gui53281@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

As discussões em torno de gênero e sexualidade são longínquas, e têm sido temas bastante debatidos, e por conta disso, exacerbadamente polêmicos, resultando em tabus ainda não superados, na sociedade, gerando, em muitas pessoas a incapacidade crítica de debater sobre eles. Uma hipótese para a persistência desses tabus sobre gênero e sexualidade pode ter sua resposta em uma afirmação de Foucault (1988), em que este afirma que inserir gênero, sexo e sexualidade em determinados debates, é a “chave” para que um tema se torne tabu.

Dentro desse campo que engloba temas e tabus, encontra-se a figura do andrógino. No senso comum, a androginia é vista, erroneamente, como um homem que se assemelha a uma mulher e vice-versa, no entanto, a androginia é muito mais além que essa semelhança e/ou estereótipo. Ao longo do tempo, a figura do andrógino tem tido diferentes mentalidades impostas sobre ela.

Etimologicamente, a palavra “andrógino”, oriunda do grego, é formada pelas palavras *andrós* = homem e *gyne* = mulher. A dimensão da androginia a ser analisada ao longo deste estudo possui, em partes, diferenciações no que se refere aos entendimentos desse tema em outros tempos, embora exista – o que é a principal ideia deste trabalho – uma característica inerente à androginia ao longo do tempo: seu teor de resistência.

Nesse contexto, e pelo atual debate acerca do que foi trazido acima, pretende-se analisar a figura do andrógino, em tempos diferentes, através de distintos objetos: 1º) na antiguidade grega, através da obra **O Banquete**, de Platão e é ainda intencionada a análise da recorrência dos corpos andróginos em cultos e práticas xamânicas, bem como conjecturas do motivo de esses corpos “perderem” sua representatividade; 2º) meados de 1970-1980, com a figura de David Bowie, ícone do *rock* mundial, que utilizou seu corpo como forma de resistência e, até mesmo, de rebeldia contra o contexto histórico tenso da época, plena Guerra Fria e de ampliação do conservadorismo. Aqui, a reflexão se faz importante para a compreensão desses sujeitos sócio-históricos e de como o corpo pode ser um instrumento de poder e protesto, a partir das leituras de Foucault (1984, 1998).

Além da análise da androginia nas obras e períodos citados, será apresentado o papel da androginia nas discussões de identidades sexuais e de gênero, e como ela é abordada na questão dos estereótipos e marcadores de gênero, a partir da análise de

Lília Schwarcz (2019), visando a demonstrar que não se deve entender a androginia da forma estereotipada presente no imaginário popular e, ainda, onde se podem encontrar os debates em torno de androginia bem como suas representações na moda, mais recorrentes desde a segunda metade do século XX, e como impactam no pensamento e no mercado da moda atuais.

De início, são necessários alguns conceitos, como sexo e gênero que serão retomados adiante. “Sexo” é a formação biológica do sujeito, ou seja, seu corpo. Já o conceito de gênero é um pouco mais espinhoso. “Gênero”, conjunto de ideais no que se diz respeito à personalidade (BOURDIEU, 2002); em contraposição, Butler (2003), sugere que esse conceito é uma criação de uma classe heteronormativa que apenas serve para reforçar as disparidades entre os “iguais” e os “diferentes”; portanto, como se objetiva compreender a androginia de forma não estereotipada e não carregada de preconceitos, levar-se-á em conta a androginia como uma identidade de gênero – já que não se resume ao biológico, ao visual e muito menos à orientação sexual do sujeito e a uma subversão dos ideais femininos ou masculinos, somente –, termo que se apresenta mais abrangente e acertado.

2 ANDROGINIA EM *O BANQUETE* E EM OUTRAS CULTURAS

Escrito aproximadamente entre os anos 385-380 a.C., por Platão, **O Banquete** é um texto mitológico que busca explicar a origem e a importância dos corpos andróginos, além de discorrer sobre as múltiplas formas de *Eros*, o amor (PLATÃO, 2001):

Em primeiro lugar, três eram os gêneros da humanidade, não dois como agora, o masculino e o feminino, mas também havia mais um terceiro, comum a esses dois do qual resta agora um nome, desaparecida a coisa; o andrógino era, então, um gênero distinto, tanto na forma como no nome comum aos dois, ao masculino e ao feminino, enquanto agora nada mais é do que um posto em desonra. Depois, inteiriça era a forma de cada homem, com o dorso redondo e os flancos em círculo; quatro mãos ele tinha e as pernas o mesmo tanto das mãos; dois rostos sobre o pescoço torneado semelhantes em tudo; mas a cabeça sobre os dois rostos opostos era uma só, e quatro orelhas, dois sexos e tudo mais como desses exemplos se poderia supor. E quanto ao seu andar, era também ereto como agora, em qualquer das duas direções que quisesse; mas quando se lançava a uma rápida corrida, como os que cambalhotando e virando as pernas fazem uma roda, do mesmo modo, apoiando-se nos seus oito membros de então, rapidamente eles se locomoviam em círculos. [...] Eram, por conseguinte, de uma força e de um vigor terríveis, e uma grande presunção eles tinham. (PLATÃO, 2001, pp. 22-24).

É necessário ressaltar a importância dos mitos para os gregos: essas narrativas orais eram fundamentais para eles, visto que seu aprendizado ditaria as formas de se viver e organizar-se em sociedade (FERREIRA, 2019). Os mitos eram narrativas ritmadas melodicamente – *melos* –, ideologicamente deixados como legado aos mais jovens, de teor sobrenatural, ou religioso, visando explicar os motivos de diferentes acontecimentos presenciados pelo povo grego (FERREIRA, 2019).

Segundo o mito, os corpos seriam formados de duplicatas, ou seja, para cada corpo, haveria duas cabeças, quatro braços, quatro pernas, dois troncos e assim por diante. Platão denota para a existência de três gêneros, o masculino (homem + homem), o feminino (mulher + mulher) e o andrógino (homem + mulher); esse último carregava, em um só corpo, características masculinas e femininas o que, na visão do filósofo, justificaria a perfeição presente nos corpos andróginos, além de sua magia e afeto (MENEZES, 2018).

Segundo Menezes (2018), cada gênero teria sua origem em um fenômeno natural, o masculino originar-se-ia do sol, do deus Hélios; o feminino, da terra, de Gaia, a mãe-terra, símbolo de fertilidade; e o andrógino teria sido originado pela lua, da deusa Selene – uma possível interpretação é que, a deusa ao mesmo tempo represente luz e sombras sobre o mundo.

Assim como em outros mitos gregos, como o de Pandora, por exemplo, os humanos – andróginos ou não –, em um ato de rebeldia, fizeram uma reviravolta contra os deuses, os quais, ao punirem os rebeldes, dividiram-lhes os corpos, transformando-os em seres de caráter e físico singulares, o que os tornou “comuns” e mais fracos ou incompletos (PLATÃO, 2001).

No entanto, Platão (*op.cit.*) afirma que, essa divisão, ou a saudade da forma anterior, resultou em vários problemas, como falta da vontade de viver, ou de alimentar-se. Vendo seu erro, Zeus deu aos humanos o *eros*, ou a paixão, seja ela amorosa ou física. O *eros* é o responsável por reunificar os corpos antes separados, não como antes, mas sim com o amor; ele também será o responsável pelas uniões amorosas / sexuais, visto que o homem-homem e a mulher-mulher unir-se-ão com suas metades, agora separadas, designando o que chamaremos na atualidade de homossexualidade, enquanto, a cisão do andrógino será responsável pelas uniões heterossexuais.

A androginia significa não somente dois corpos em torno de um, mas também, “[...] expressa na sua totalidade os pares opostos na origem de todas as coisas” (RODRIGO, 2016, p.145), ou seja, o caráter duplo da androginia acontece de forma que, dois corpos diferentes existem entre si, sendo completos.

É interessante notar que a característica única dos corpos andróginos foi durante bastante tempo observada como um fator proveniente de funções alquímicas, o que denotava um caráter místico na androginia, a qual seria uma herança do mito contado por Platão, influenciando sua busca pelos alquimistas, como uma das propriedades especiais da Pedra Filosofal (JUNG, 1994 *apud* RODRIGO, 2016).

A androginia também pode ser encontrada em outras diversas mitologias, cultos e religiões sendo constantemente revivida por mitos e ritos (MOLINA, 2017). Em alguns, os quais ministrados por entidades xamânicas – líderes espirituais e representantes dos Antigos (SANTOS, 2007). Segundo esse autor, “[...] a figura xamânica não só compreende ambos os sexos, como muitas vezes se faz hermafrodita” (SANTOS, 2007, p. 13).

Aliando essa informação ao exposto por Eliade (2001), havia xamãs que utilizavam seus corpos de formas andróginas, seja nas vestimentas, seja nos próprios comportamentos com suas divindades espirituais, as quais, também, em muitos casos, principalmente dentre as que representavam agricultura e fertilidade e eram tidas como andróginas. Para ele, “Todos esses mitos da androginia primordial divina e bissexuais representam modelos exemplares para o comportamento humano. Portanto, a androginia é simbolicamente reatualizada pelos ritos.” (ELIADE, 1991, s./p.)

É importante ressaltar, a forte presença da androginia nas religiões de matriz afro-brasileira, em que há diversos orixás representados ao mesmo tempo com aspectos masculinos e femininos, além das possessões transgênicas, onde, segundo Molina (2017),

[...] o adepto experimenta a relação íntima e corpórea com a sua entidade, seu orixá; isso é o que caracteriza o cerne das religiões ditas ritualísticas, nas quais não são os homens que, através de um grande esforço ou sacrifício (na maior parte das vezes inútil) tentam alcançar o divino. São os deuses que, cotidianamente, descem, ocupam um receptáculo (o corpo do filho de santo; na Umbanda é chamado de “cavalo”) e vêm ter com os homens. O próprio se manifesta no mundo através do forte vínculo que possui com seu filho e a personalidade desse filho dará lugar por completo à personalidade da entidade por algum tempo, ainda que a entidade recebida não corresponda ao sexo biológico ou à identidade de gênero do adepto. (MOLINA, 2017, p.5)

É interessante notar que, no período anterior à ascensão do cristianismo, a androginia era algo almejado em diversas culturas, pois significava a totalidade entre os gêneros, unindo o masculino e o feminino. Contudo, com sua ascensão e a predominância dos sexos masculino e feminino, somente, tornou-se alvo de estranheza e até mesmo, de críticas, as quais irão adquirir novas formas ao longo do tempo e, talvez, também serão resultantes da hipótese da rebeldia e resistência ora já apresentados.

3 OS ANOS 70-80 E O CAMALEÃO DO ROCK²

Avançando alguns séculos posteriores a Platão, encontra-se entre o fim dos anos 60 e início dos anos 70 do século XX, e é presenciada, no campo da música, uma expansão dos gêneros do *rock and roll*, resultante da drástica mudança da atmosfera social e cultural neste período. Os anos 1960, progressistas, de paz e amor, são derrubados pela estagnação de uma era de tensões ao redor do mundo, sejam elas de caráter geopolítico, no conflito ideológico da Guerra Fria, que cada vez mais parecia levar a uma guerra nuclear, seja no campo natural, com o esgotamento de diversos recursos naturais (DOGGET, 2012).

Com isso, o protesto originado com os vários gêneros de *rock and roll* resultaria numa gama de formas de resistência e até de rebelião contra os sistemas autoritários e seus atos, para além do conservadorismo. Entre estes subgêneros musicais, o *gay-rock* e o *glam rock* – tendências bem fortes na Inglaterra, entre o fim dos anos 1960 e na década de 1970 –, gerou polêmica não somente com suas músicas, mas também, com relação às atitudes, às formas físicas e ao vestuário de seus expoentes (DOGGET, 2012). É necessário então, para o prosseguimento desse texto, esclarecer os conceitos e características do *glam* e *gay-rock*:

A cultura glam teve uma grande influência na aceitação social e individual de inúmeros dogmas presentes na sociedade daquele início de década, como a sexualidade. O estilo ia muito além da distinção entre o masculino e feminino - ele navegava nas ondas coloridas da androginia. (ALMEIDA FILHO; CARDOSO SILVA, 2018, p. 39).

No entanto, sobre o já citado, *gay-rock*, é necessário alertar que

²É importante ressaltar que diversas informações dessa parte podem ser conferidas no site oficial do cantor. David Bowie - Site Oficial. Disponível em: <http://spaceoddy50.davidbowie.com/> Acesso em: 26 set. 2019.

[...] embora não seja politicamente correto separar música por sexo, astros da década de 70/80 que tinham notoriedade musical, porém carregavam o estigma de sua condição sexual. A cultura gay sempre foi bastante influente em todo o rock, Elton John, Annie Lennox da banda Eurythmics, Village People, principalmente com a música Y.M.C.A., o camaleônico David Bowie e Boy George da banda Culture Club são alguns dos maiores destaques para isso que foi chamado de gay-rock. (MUGNANI, 2007 *apud* ALMEIDA FILHO; CARDOSO SILVA, 2018, p. 36).

O *glam-rock*, porém, encontra-se mais associado à imagem de seus expoentes e aos significados trazidos em suas músicas, roupas coloridas e acessórios diversos, tom provocativo e de rebeldia. Já o *gay-rock* encontra-se dentro do *glam*, contudo, associa-se também com as identidades sexuais de seus expoentes, homossexuais, transexuais e bissexuais, por exemplo.

Portanto, é necessário ressaltar a importância do *glam-rock*, e não obstante, citar o – possivelmente – maior de seus expoentes, o inglês David Jones ou, David Bowie (1947-2016), que se tornou, e continua muito famoso, mesmo após sua morte, por sua atitude “inusitada”, a qual se alongava não somente em suas músicas espaciais, mas também, na sua própria vida, seus personagens e seu estilo, que lhe renderam o apelido de “camaleão do rock”. Outros personagens históricos do quadro da música poderiam também ser citados, como Boy George e Annie Lennox, contudo, o apelo midiático e *pop* de David Bowie, sua fama e o visual são mais bem explanados e mais destacados.

O amor do “camaleão do rock” pelos mistérios ocultos e pelo espaço sideral encontra-se fortemente marcado nas composições de Bowie, podendo, por exemplo, ser encontrados em músicas como: *Ziggy Stardust*, *Space Oddity*, *Starman*, *Heroes*, *Ashes to Ashes*, *The man who sold the world* e outras (BENETI, 2016).

Um curioso detalhe sobre as composições do cantor é que, ao ser questionado se escrevia para ganhar ou perder sua identidade, respondeu de forma bem objetiva: Possivelmente para entendê-la. Não acho que seja para ganhar ou perder.”³ (BOWIE, 1973, s./p., tradução nossa).

Além da música, outra marca registrada de Bowie encontra-se na criação e interpretação de personagens. Em *Ziggy Stardust*, Bowie se torna, na composição e no clipe original, o alienígena *Ziggy Stardust*, uma figura estrela do rock, **andrógina e bissexual**, e, pelas tendências da época, um tanto quanto liberta, em vários sentidos. Essas características – andrógina e bissexual – representavam não só *Ziggy*, mas

³ “Possibly to understand it. I don’t think it either to loose or gain.” (David Bowie tells all and more [entrevista a Patrick Salvo em março de 1973]).

também o próprio Bowie que, ao construir suas personas, utilizava-se de sua própria vivência para dar-lhes vida e profundidade (PUPO, 2016).

Visualmente, seja no clipe ou em apresentações ao vivo, o personagem possui cabelo do corte *mullet* vermelho e veste-se com uma roupa bastante chamativa e sexualizada que, em sociedades marcadamente conservadoras, seriam usadas apenas por mulheres de tendência sexual mais liberta. Além disso, usava em volta de seus olhos, uma pesada maquiagem preta, no entanto, via-se um homem em trajes e com atitudes teoricamente femininas. Vale ressaltar que, esse padrão se repete em diversas apresentações do cantor e ator, que levou para o cinema, no filme *O Labirinto* (1986), na pele do vilão Jareth, seus trejeitos andróginos e ar misterioso.

Criticado em sua época, e mesmo após sua morte, Bowie fez de sua imagem, objeto da indústria cultural, utilizando-se da união de sua sexualidade e de seu próprio corpo e vestuário, andróginos, dos estereótipos da sociedade da época e de sua fama, de forma a ganhar bastante visão no cenário mundial rendendo a ele, bastante riqueza. Segundo Dogget (2012), Bowie foi, em sua época, o que os Beatles foram na sua, e, por isso, artistas são tão importantes, pois são expoentes e inspiradores de novas ideias, ideais, pensamentos e atos:

Artistas são grandes formadores de opinião, através das décadas influenciaram comportamentos, lançando tendências. Assim as juventudes das décadas de 70 e 80 incorporaram o *habitus* de seus ídolos. Ela era a força motriz que movia o rock, a moda, o cinema, a literatura, a política e a sociedade como um todo. Embora a elite conservadora se colocasse contra o estado de libertação era unânime e incessantemente procurado pelos jovens. Assim surgiu, na cena underground inglesa, o fenômeno *glam rock*. (ALMEIDA FILHO; CARDOSO SILVA, 2018, p. 36).

No entanto, Bowie, de forma positiva, traz em sua pele masculina, a quebra dos estereótipos de gênero e sexualidade, ao respectivamente, utilizar-se da moda feminina – na visão da sociedade de sua época –, juntamente a um visual extravagante, não seria errado, na persona de Bowie, descrevê-lo como cósmico –, como uma estrela da fama, assumir-se como uma pessoa bissexual; com isso, pode-se entender que a androginia serviu não somente como um novo movimento cultural e artístico, mas principalmente, como uma forma de protesto, rebeldia e resistência contra a opressiva e tensa situação dos anos 70 e 80.

Contudo, cabe ressaltar que a androginia é um conjunto de ideais que não possui, necessariamente relação com orientação sexual; porém, o caso de David Bowie,

andrógino e bissexual, juntamente com seus personagens na música e nos filmes, deve ser enfatizado já que combina esses dois ideais em uma única e famosa figura, que vinha se tornando cada vez mais notória.

Bowie, ainda em 1986, em um dueto com o *Queen*, liderada por Freddie Mercury, cantou *Under Pressure* que, após algumas interpretações, fundamentadas principalmente pelos depoimentos do baterista do *Queen*, Roger Taylor⁴, pode ser entendida com um hino à liberdade de gênero, de sexualidade e de vida, já que em sua composição (1981), os quatro integrantes da banda e Bowie discutiram sobre suas paixões e liberdades.

Não somente responsável pelo questionamento aqui apresentado, a dialética entre androginia e resistência e rebeldia, Foucault (1998) traz profícuos debates sobre o corpo, e principalmente sobre este na Pólis grega – por questão de preferência, esse tema foi aqui inserido visando trazer mais o debate propriamente dito, diferente do primeiro que, embora seja ambientado mais na Grécia antiga, traz mais um panorama histórico e mitológico da androginia até a ascensão do cristianismo.

Foucault suscita importantes debates sobre o corpo, mas no momento, a questão das escolhas e liberdade se faz mais importante. Segundo ele,

A atitude do indivíduo em relação a si mesmo, a maneira pela qual ele garante sua própria liberdade no que diz respeito aos seus desejos, a forma de soberania que ele exerce sobre si, são elementos constitutivos da felicidade e da boa ordem da cidade. (FOUCAULT, 1998, p. 74).

Portanto, Foucault (1998) apresenta interessantes questionamentos sobre a ação política instaurada no corpo, remetente ao sentido de ação arendtiano, ao redor de sua liberdade. Contudo, traz também a reflexão sobre uma materialidade do poder sobre o corpo (1984). Nesse ponto, pode ser citada, como exemplo, a forma com a qual estruturas ideológicas tratam àqueles que são subversivos contra seus valores, como os “loucos”, mostrados nos estudos do próprio Foucault (1978). O que se verifica nesse ponto é que, os corpos são objetos dotados de significados políticos; num amplo sentido, não somente de ideologias, carregando consigo, portanto, poderes que são benéficos ou prejudiciais aos sistemas políticos vigentes, levando-os a apropriações ou

⁴ BARONNE, Fer. **Queen: Bowie, Mercury e a história de Under Pressure**. 2013. Disponível em: <https://whiplash.net/materias/curiosidades/181355-queen.html> Acesso em: 07 abr. 2020.

a exclusões desses corpos/sujeitos. E, embora esses corpos sejam teoricamente livres, são pensados com esse poder, sobrando apenas sua capacidade de protesto, rebeldia e resistência (FOUCAULT, 1998; 1978). Nota-se a importância desses corpos nos cenários em que estão inseridos. Por isso, a defesa e ênfase na capacidade de rebeldia e resistência dos corpos andróginos.

Enquanto é verificada a presença desses vários artistas andróginos, a maioria deles do sexo masculino, encontra-se também, em contraponto, a inclusão de mulheres andróginas em outros cenários além da música e da arte, como nas peças publicitárias – como a clássica “*We can do It*”, de J. Howard Miller, que também se tornou símbolo do feminismo, e outros pontos.

4 ANDROGINIA E IDENTIDADE DE GÊNERO

A já citada e espinhosa questão das controvérsias entre gênero e identidade de gênero, alinhadas respectivamente por Bourdieu (2002) e Butler (2003), pode ser situada historicamente a partir de Scott (1995), em que a historiadora defende que a terminologia “gênero” é mais um fruto das desigualdades entre os sexos masculino e feminino; novamente se esbarra nos ideais de dualismo sexual, com o termo aplicado diretamente às mulheres. Esse é, resumidamente, o motivo da escolha de tratar a androginia como uma identidade ou, identidade de gênero.

As discussões de identidade de gênero e de sexualidade têm sido muito constantes na atualidade devido ao surgimento e crescimento de diversos grupos ativistas da pluralidade das identidades de gênero. Contudo, um dos pontos que dificultam esse debate encontra-se nos perigosos estereótipos, bem desenvolvidos na fala de Chimamanda Ngozi Adichie. “A única história cria estereótipos. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história.”⁵

Numa sociedade pautada na existência de gêneros pré-definidos, o masculino e o feminino, não é estranho – embora devesse – notar o predomínio de estereótipos de gênero e sociais.

Para Lília Schwarcz (2019), “Toda sociedade elabora seus próprios marcadores de diferença. Ou seja, transforma diferenças físicas em estereótipos sociais, em geral de

⁵ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma única história**. Conferência TED Global. Oxford, 2009.

inferioridade, e assim produz preconceito, discriminação e violência.” (SCHWARCZ, 2019, p.19).

A afirmação de Schwarcz mostra-se bastante acertada, principalmente no Brasil, onde “[...] o uso perverso de tais categorias tem gerado todo tipo de manifestação de racismo, levado ao feminicídio, produzido muita misoginia e homofobia [...]” (SCHWARCZ, 2019, p. 175). Os crimes citados acima, principalmente no Brasil, são alarmantes, podendo, sua prevalência ser entendida principalmente como resultado do descaso público e das autoridades competentes – seja em governos de direita, seja de esquerda –, uma vez que, embora existam leis que visem impedir e punir tais crimes, muitas vezes elas, somente, são insuficientes e/ou não são aplicadas corretamente.

Segundo o Grupo Gay da Bahia, em 2018, 420 pessoas LGBTQ+ foram assassinadas violentamente no país – e seus executores são identificados entre apenas 4 e 5% dos casos – e, embora a androginia não faça parte do grupo, nota-se que pessoas que fogem aos comportamentos heteronormativos impostos pela sociedade ainda são massacradas, perseguidas e violentadas (GGB, 2018). Não foram encontrados quaisquer dados sobre androginia no país, ou no mundo, contudo é importante ressaltar que, ainda que alguns desses sujeitos estejam mais “famosos”, essas pessoas ainda são bem marginalizadas.

Não somente os tabus relacionados a gênero, a sexo e a identidades, tão presentes na sociedade brasileira, contribuem em muito para a permanência de tais crimes, mas também a ausência de discussão desses temas gera uma “estranheza” aos que diferem dos padrões normativos:

[...] o aumento da percepção social da igualdade, com a inclusão de novos sujeitos políticos, muitas vezes acaba por gerar insatisfação em setores da sociedade que tendem a considerar o “outro” como menos legítimo e dessa maneira lhe negam o direito a uma cidadania plena, condicionada pela “diferença” que ostentam. (SCHWARCZ, 2019, pp. 174-175).

Após o entendimento dos estereótipos, ou marcadores sociais e de gênero e das ocorrências de diversos e ignorantes crimes, pode-se trazer para o andrógino esse debate. Para Sebastião (2010, p. 62), “[...] na figura do andrógino, a função sexual é omissa, representando a inocência primordial e acultural pela inexistência de papéis ou estereótipos sociais [...]”, o que remete a uma destituição de estereótipos de gênero. Portanto, não se deve entender o andrógino da forma generalizada presente na heteronormatividade, como sujeito do sexo masculino e/ou feminino, hermafrodita, nem

mesmo como bissexualismo, visto que esse conceito engloba-se na categoria de orientação sexual.

Nem mesmo como identidade trans, aquele que muda, por meio de mudança de sexo e/ou hormonização química; e o travesti, que faz uso de roupas e acessórios do sexo a que se identificam. Deve ser entendido que a androginia não faz parte plena desses conceitos:

A androginia não se resume a comportamento, afetos ou práticas sexuais. A androginia é muito mais um conjunto de fatores que afetam várias instâncias físicas e do pensamento, aliás, pode ser lida como um elo de ligação (sic) entre os dois. Pode estar manifestada na forma de se vestir, nos gestos, na rotina diária, na relação com as pessoas, no que se lê, no que se assiste ou na música que se escuta. Em um desses fatores, em vários ou em todos. (MOLINA, 2017, p.1).

É necessário, também fundar na mentalidade das pessoas sobre tais temas, incentivando o debate aos tabus e sem a pesada posição autoritária e a censura, cada vez maiores na sociedade visando entender a existência de “várias” pluralidades de pessoas, físicos, comportamentos e vivências, e que essas não são “histórias únicas”. As escolas, universidades e espaços públicos são bem propícios para esses debates, por irem às bases do ensino e convivência, porém é necessário que sejam debatidos sem os supracitados autoritarismos, preconceitos e estereótipos, nem com a ideia vergonhosa de “ideologização política” ou de apologia.

5 A MODA ANDRÓGINA

Para Maus (2013),

O conceito de “androginia” surgiu nos anos 70, quando Londres estava repleta de uma geração inovadora dividida entre numerosos estilos musicais. David Bowie se tornou ícone de um desses movimentos, marcando a década e servindo de influência por anos. Hoje, a macrotendência andrógina invade o universo da moda, aliado a campanhas publicitárias e modelos “providos” da dupla-sexualidade. (MAUS, 2013, p. 10; marcações do autor).

No contexto em foco, insere-se a Revolução Sexual, impulsionada pelo movimento de Contracultura, ou, movimento *Hippie*, renegando os ideais heteronormativos, e com isso, as roupas se tornariam indistinguíveis entre os sexos, de forma natural, sem exageros. Esse seria um dos divisores d’água para a chegada da Pós-

Modernidade (BARROS, 2017). Contudo, é observável que não foi um movimento exitoso em geral, mas que trouxe rupturas para o pensamento sexual na moda, uma permanência que pode ser encontrada na fabricação e na etiqueta de roupas da chamada categoria *unissex* (LIPOVETSKY, 2009).

É novamente necessário, ao se falar da moda andrógina, voltar ao *glam-rock*, e continuar citando, além de David Bowie, Elton John e Iggy Pop, cada qual com suas roupas coloridas, visual e maquiagens carregados e cheios de acessórios glamorosos; no Brasil, destacam-se Ney Matogrosso e Rita Lee (BARROS, 2017). Esse movimento exagerado visualmente e advindo do rock progressivo vai ser a inspiração para diversas peças de moda andróginas da atualidade.

Nos dias atuais, a androginia é vista não somente como uma identidade física ou comportamental, mas também como uma tendência de moda – discussão que possui força crescente devido aos debates de representação de gêneros tão vigente na atualidade, podendo ser conceitualizada, na moda, como uma indefinição visual de um sujeito entre o masculino e o feminino. Essa moda andrógina não somente como estética, mas também como marca identitária, pode ser vista também como forma de resistência, ou pelo menos, como uma forma de contestação à heteronormatividade:

Visto que vivemos em uma sociedade patriarcal, moldada em padrões lineares engessados no binarismo de gênero, a expressão da moda sem gênero ganha cada vez mais visibilidade e pode ser pensada como um reforço da necessidade de romper uma das principais barreiras limitadoras relacionadas à moda. (SANCHEZ; SCHMITT, 2016, p. 13).

E, não somente, a moda andrógina pode também ser uma forma de escape daqueles que simplesmente não buscam identificações para com seus corpos. Nesse ponto, nota-se uma androginia sendo instaurada apenas no seu lado físico e estético, ignorando os outros parâmetros citados, contudo, ainda se verifica, de qualquer forma, uma resistência a esse binarismo, característica que pode ser associada a uma longa duração histórica, como assinalada por Fernand Braudel (1978), como aquelas características que permanecem imutáveis por séculos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A definição atual de androginia deve ser ressaltada como uma visão ou entendimento na forma como um sujeito age, pensa, se veste e se vê, possuindo

características que fogem dos ideais heteronormativos, ou seja, do dualismo de gênero. É importante romper com as visões do senso comum sobre a androginia e entendê-la sob a ótica daqueles que fazem parte de sua organização, os próprios andróginos.

A partir das exposições já feitas, é possível notar a longevidade da característica marcante dos corpos andróginos, mantida viva, dentro de seu contexto histórico específico, desde a antiguidade grega até os dias de hoje, passando pelo século XX – com os movimentos de contracultura, principalmente na moda e na música: a resistência e rebeldia dos corpos andróginos, cada qual, dependendo de sua época e de contra qual grupo dominante, fatores que, ao protestarem contra o opressor sistema dogmático tradicional são muito importantes para as discussões de identidade de gênero e/ou de sexualidade.

Seja nos corpos duplicados, em Platão, ou na pele maquiada de David Bowie, a androginia ainda representa um tabu a ser combatido na sociedade, uma vez que esses corpos representam um questionamento ao que os mais ortodoxos e/ou tradicionais criticariam como “anormal”, seja através de relações dialéticas entre os andróginos e ela, seja através de diálogos que comecem na academia e que sejam levados ao público, ou por meio da criação de políticas públicas que visem ao debate de temas relacionados às questões de gênero e identidades. Portanto, pode-se corroborar Foucault (1988) sobre o tabu dos debates sobre sexo e sexualidade na sociedade, mas de qualquer forma, dialogar para a quebra desses paradigmas deve ser um objetivo.

Uma última mensagem de David Bowie sobre os combates, sejam eles grandes ou do dia-a-dia, presente na música *Heroes*, composta por Bowie e Brian Eno em 1977⁶, “Embora nada, nada nos fará ficar juntos, nós podemos vencê-los, para todo o sempre, oh, nós podemos ser heróis só por um dia.”⁷

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, Carlito Lins de; CARDOSO SILVA, Jhonattan Willian. Diálogos entre a rebeldia e a androginia. **Revista Diversidade e Educação**, Rio Grande, RS, v. 6, n. 2, jul./dez. 2018, p. 34-42. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/8352> Acesso em: 22 out. 2019.

⁶ “*Though nothing, nothing will keep us together
We can beat them, for ever and ever*

Oh, we can be heroes just for one day” (David Bowie & Brian Eno, *Heroes*).

⁷ Tradução nossa.

BARROS, Patrícia Marcondes de. A contracultura, o glam rock e a moda andrógina nos anos 70-80. [comunicação]. In: **III Seminário Internacional História do Tempo Presente**, UDESC, 2017. Disponível em: <http://eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/IIISIHTP/paper/view/652> Acesso em: 07 abr. 2019.

BENETI, Mariana Bento. A construção da arte pop de David Bowie nas facetas dos personagens Major Tom e Ziggy Stardust. São Paulo, 2016, **Intercom** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Salto, SP, 2016. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2016/resumos/R53-0502-1.pdf> Acesso em: 22 out. 2019.

BOWIE, David. David Bowie tells all and more [entrevista a Patrick Salvo em março de 1973]. **David Bowie: the last interview and other conversations**. Nova Iorque: Melville House Publishing, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DOGGET, Peter. **The Man Who Sold the World: David Bowie and the 1970s**. Nova Iorque: Harper Collins, 2012.

ELIADE, Mircea. **Mefistófeles e o andrógino: comportamentos religiosos e valores espirituais não-europeus**. Brasil: Martins Fontes, 1991.

FERREIRA, Amauri Carlos. **Os gregos: a aprendizagem pela narrativa e representação**. Artigo escrito para o curso de Cultura Grega solicitado pelo Depto. de História da PUC-Minas, 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. In: MACHADO, Roberto Machado (Org.) **Microfísica do Poder**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FRANÇA, Eduardo. A representação social da androginia na publicidade da moda. **Entremeios**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, 2017, p. 1-11. Disponível em: <http://entremeios.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=98&sid=18> Acesso em: 22 out. 2019.

GGB. População LGBT morta no Brasil: Relatório 2018. **Grupo Gay da Bahia**. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-homossexuais/> Acesso em: 07 abr. 2020.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

MARCONDES, Ivelise. **A moda andrógina masculina do movimento do glamour rock**. 2013.139 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Apucarana, 2013.

MAUS, Stephan. **Androginia e a modelagem unissex**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Apucarana, 2013.

MENEZES, Luiz Maurício Bentim da Rocha. O mito do andrógino no banquete de Platão. **Tema livre**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, 2018, p. 170-181. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/helade/article/view/28045> Acesso em: 25 set. 2019.

MOLINA, Anelise Wesolowski. Androginia, história e mito: a fluidez de gênero e suas recorrências. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499465189_ARQUIVO_enviar_Anelise_W_Molina.pdf Acesso em: 26 set.2019.

PLATÃO. **O Banquete**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2001.

PUPO, Saulo Atêncio. O mito do herói em Ziggy Stardust. XI seminário de pesquisa em ciências humanas. **SEPECH Humanidades, Estado e desafios didático-científicos**, Londrina, v. 2, n.4, julho de 2016. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/o-mito-do-heri-em-ziggy-stardust-23557> Acesso em: 26 set.2019.

RORIGO, Júlio Mendes. O andrógino hermético: um “ser duplo” através das artes e das letras. In: **Anais do I do Congresso I Lusófono Esoterismo Ocidental – Vol. I Arte e Esoterismo Ocidental**, 2016, p. 144-153. Disponível em: https://www.academia.edu/40161299/O_ANDR%C3%93GINO_HERM%C3%89TICO_UM_SER_DUPLO_ATRAV%C3%89S_DAS_ARTES_E_DAS_LETRAS Acesso em: 28 set.2019.

SANCHEZ, Gabriel; SCHMITT, Juliana. Moda sem gênero: conceituação e contextualização das tendências não binárias. **12º Colóquio de Moda – 9ª Edição Internacional 3º Congresso de Iniciação Científica em Design e Moda 2016**. Disponível em: http://www.coloquiomoda.com.br/coloquio2017/anais/anais/edicoes/12-Coloquio-de-Moda_2016/COMUNICACAO-ORAL/CO-03-Cultura/CO-03-MODA-SEM-GENERO-Conceituacao-e-contextualizacao-das-tendencias-nao-binarias-FINAL.pdf Acesso em: 07 abr. 2020.

SANTOS, Marcel de Lima. **Xamanismo: a palavra que cura**. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte, MG: Editora PUC Minas, 2007.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, RS, vol. 20, n. 2, jul./dez., 1995, p. 71-99. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667> Acesso em: 07 abr. 2020.

SEBASTIÃO, Sônia. Sujeito pós-moderno: de andrógino a pós-humano. **Comunicação & Cultura**. Lisboa, n. 9, Primavera-Verão, 2010, p. 59-75. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/10474> Acesso em: 22 out. 2019.